

Educação pós-pandêmica, temas transversais e morte.**Post-pandemic education, cross-cutting themes and death.**Ivete Iara Gois de Moraes¹Márcia Amaral Corrêa Ughini Villarroel²**Resumo**

Este artigo trata de uma revisão sistemática de literatura sobre a educação para a morte. Partiu de um questionamento que procurou respostas em referências científicas para uma possível prática educacional pautada pelo elemento “morte” dentro de experiências didáticas de professores. Teve como objetivo verificar a relevância de incluir a morte e suas temáticas, inclusive da violência escolar, nas diferentes disciplinas do currículo escolar de forma transversal, humanizada, natural e que promova um conhecimento útil para a vida. Para tal, compreender propostas da Base Nacional Comum Curricular -BNCC- foi uma necessidade não só de escrita, mas de entendimento global da temática proposta. Assim como as vogais foram importantes para que a escrita e leitura de uma palavra pudessem se materializar, todo o embasamento do cotidiano pós-pandêmico deveria ser parte do desafio em diagnosticar hipóteses que revelem possibilidades onde a Educação construa produções acerca da vida e da morte, não só na teoria e práxis curricular, mas na promoção da própria vida e aceitação da finitude a partir do ciclo vital.

Palavras-Chave: Educação pós pandêmica; Violência; Morte.**Abstract**

This article is a systematic review of the literature on death education. It started from a question that sought answers in scientific references for a possible educational practice guided by the element “death” within teachers’ teaching experiences. It aimed to verify the relevance of including death and its themes, including school violence, in the different subjects of the school curriculum in a transversal, humanized, natural way that promotes useful knowledge for life. To this end,

¹ Enfermeira. Psicóloga. Mestre em Informática na Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Porto Alegre. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: psicoivethe@outlook.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4785-9627>

² Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul Campus Porto Alegre. Pedagoga, Mestre em História e Filosofia. Doutora em Psicologia e Educação. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Porto Alegre. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: marciaacorrea@terra.com.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6676-3698>

understanding proposals from the National Common Curricular Base -BNCC- was a need not only for writing, but for a global understanding of the proposed theme. Just as vowels were important so that the writing and reading of a word could materialize, the entire foundation of post-pandemic daily life should be part of the challenge in diagnosing hypotheses that reveal possibilities where Education builds productions about life and death, not only in curricular theory and praxis, but in the promotion of life itself and acceptance of finitude from the life cycle onwards.

Keywords: Post-pandemic education; Violence; Death.

Introdução: Educação e as temáticas da Morte

Educar em um contexto pós-pandêmico complexo necessita de uma reflexão sobre o papel da Educação no mundo e, no caso do Brasil, educar é uma questão que precisa de uma reflexão a partir das territorialidades e suas diferentes culturas, com perspectivas sobre o significado amplo das competências relativas à BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e do papel de representação social e humanitária da profissão de professores a partir do ano de 2019. É imperioso compreender esta temática a partir de currículos elaborados por professores e para professores desde sua formação, respeitando a autonomia em entrelaçar histórias de vida e de morte aos conteúdos. Estabelecendo-se uma compreensão com a contemporaneidade pós-pandêmica de uma geração que viveu a morte em grande escala como nenhuma outra na história recente da humanidade, especialmente relacionada a violência e/ou catástrofes sociais e naturais que assolam o espaço geoterritorial na atualidade, em diferentes culturas. Neste contexto, é necessário refletir sobre o papel da escola para além de passível a sofrer consequências destas intempéries, mas como agente de prevenção e estabelecimento da paz em prol da seguridade social.

Assim como as vogais foram importantes para que a escrita e leitura de uma palavra pudessem se materializar, todo o embasamento do cotidiano pós-pandêmico deveria ser parte do desafio em diagnosticar hipóteses que revelem possibilidades onde a Educação construa produções acerca da vida e da morte, não só na teoria e práxis curricular, mas na aceitação da finitude a partir do ciclo vital. Esta seria uma proposta de tornar a escola uma impulsionadora de transformação da consciência individual e coletiva onde,

educar implica construir pensamento crítico e condutas cidadãs, pautadas nos direitos humanos e respeito. Nesta perspectiva, a escola deve configurar-se como lugar de segurança e proteção para crianças, adolescentes, jovens e adultos, minimizando os riscos e casos de violências (Brasil, 2023, p. 93).

Observando este cenário surgiu esta escrita, a qual nasceu a partir de uma dissertação de Mestrado em Informática na Educação realizada junto ao Instituto Federal do Rio Grande do Sul - IFRS- Campus Porto Alegre³, com o objetivo de verificar a relevância de incluir a morte e suas temáticas, inclusive da violência escolar, nas diferentes disciplinas do currículo escolar de forma transversal, humanizada, natural e que promova um conhecimento útil para a vida. Para tal, compreendermos as propostas da Base Nacional Comum Curricular -BNCC- é uma necessidade não só de escrita, mas de entendimento global da temática proposta.

BNCC (Base Nacional Comum Curricular)

Em se tratando de currículos, na compreensão de que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) define os parâmetros para os diferentes processos de ensino e aprendizagem referentes à totalidade dos discentes brasileiros a partir de conhecimentos e habilidades essenciais para todos aqueles ligados a diferentes níveis de aprendizagem, independente de origem sócio econômica, de localização geográfica, deve haver o mesmo embasamento e compreensão sob a égide do Plano Nacional da Educação. É importante esclarecer que

a Base Nacional Comum Curricular não é currículo, mas sim um documento que determina, nortear as práticas pedagógicas e as competências, habilidades e conteúdos essenciais para aprendizagem a nível nacional (RICARDO ET al, 2024, 204).

Portanto, cabe à educação nortear-se por uma legislação comum, em delineamentos que respeitem direitos e deveres para com uma formação integral, preservando padrões socioculturais

³ MORAES, Ivete Iara Gois de Moraes. **Vamos conversar sobre a morte na educação?** Sob orientação da Prof.^a Dr.^a Márcia Amaral Corrêa Ughini Villarroel. Dissertação apresentada ao Instituto Federal do Rio Grande do Sul - IFRS- Campus Porto Alegre, junto ao Programa de Pós- graduação do Mestrado Profissional em Informática na Educação. 146 pp. Porto Alegre, 2024.

e econômicos e investindo na formação de cidadãos críticos, participativos e comprometidos com princípios de uma sociedade democrática de direitos e deveres comuns. Neste aspecto, as competências devem ser integradas ao seu lócus, mantendo a identidade de cada espaço e tempo, ligados às necessidades humanas e sociais, em consonância com um alinhamento das propostas pedagógicas, sob a fundamentação da base curricular, impulsionando a educação na qualificação e humanizando o processo educacional de forma integral, individual e coletiva. A sistemática desta política é determinada pela organização em que

a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece seu foco na aprendizagem para fomentar um ensino de qualidade em todas as fases e variedade da Educação Básica, de acordo como que determina o Plano Nacional de Educação (PNE) (RICARDO ET al, 2024, 204).

Este entendimento se faz através de uma questão que deve preservar respostas diferenciadas culturalmente em ambientes locais e globais, interligados pelo mesmo parâmetro: a finitude como uma possibilidade, pois, “se o currículo está ligado à construção de identidades sociais e culturais, seria impossível contarmos com um currículo único para um país de dimensões continentais como o nosso” (BRASIL, 2022, p. 9). Esta diversidade preserva a interculturalidade e propõe condições para que a escola desenvolva competências e habilidades que estimulem ao conhecimento reflexivo e ao pensamento científico, produzindo um repertório de comunicação através de diferentes linguagens, proporcionando uma interação, que insere o educando na projeção para a vida de forma integral em todo o ciclo vital. Nessa esteira,

o desenvolvimento das competências gerais está relacionado com a necessidade de formar indivíduos capazes de lidar com um futuro incerto, com o dinamismo das mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais. Portanto, mais do que ensinar uma lista de conteúdos, a escola precisa possibilitar que esses educandos desenvolvam habilidades e competências, a fim de que possam lidar com desafios diversos nas diferentes áreas da vida deles e contribuir para a construção da sociedade que almejamos (BRASIL, 2022, p. 15).

Pensar sobre competências, inclui questionar se este discurso seria uma possibilidade ou uma utopia quando pensamos em relacionar a temática da morte aos currículos e conteúdos da Educação. Afinal, como seria possível conectar conteúdos da Geografia, da Matemática, ou de

qualquer disciplina à morte e suas temáticas? Pare por um instante e pense: se você tivesse que falar sobre a morte em seus diálogos, seja no ambiente familiar, seja no ambiente profissional, como você abordaria esta questão? O que você teria a dizer sobre a morte, sobre a morte relacionada à pandemia, sobre as mortes que você já vivenciou em sua história de vida ou sobre sua própria morte? Você acha que poderia dizer algo sobre a morte em uma conversa informal, de forma natural ou ainda, você poderia escutar o que outras pessoas pensam sobre a morte sem nenhum (pré)conceito? Uma possibilidade para auxiliar nestas respostas, seria averiguar uma Educação possível entre a Vida e a Morte com vistas à Finitude incluída no ciclo vital, questionando-se Teoria e Práxis como passíveis de articulações e competências concretas.

Competências & Habilidades:

Ao tratar de Competências, é necessário ter a noção sobre o conceito de **capacidade** como um conjunto de características ou aptidões que constituem cada ser humano individualmente, tornando-nos uma pessoa capaz de desenvolver ou executar uma determinada tarefa e exercer uma função específica. Este é um atributo que está ligado a verdades universais, atrelados a saberes e fazeres da vida, que não se iniciam na escola, mas que fazem parte dos processos de ensino e aprendizagem. Neste sentido,

os conceitos de competência e habilidade se distinguem, ao que tudo indica, no âmbito acadêmico, do conceito de capacidade, que assume o sentido de um preparo amplo para enfrentar as situações imprevisíveis, em uma perspectiva aberta e indefinida, em situações que possam se apresentar no percurso da vida (NEITZEL e SCHWENGBER, 2019, p. 213).

Diferenciar a competência enquanto ligada à subjetividade, influenciada pela complexidade humana, nascendo do próprio indivíduo de maneira individualizada e, a **habilidade** construindo-se na ordem técnica, determinando uma aptidão prática e mensurável, passível de observação. A **capacidade** é múltipla, ligada a fatores sociais e de perícia, direcionada a determinado desempenho e exigindo uma habilidade específica. Capacidade e habilidade exigem uma ampliação de saberes e fazeres para obter um determinado resultado. Este embasamento se refere à produção de que “em

geral, a competência é considerada ampla em um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que, se mobilizados, atuam modificando determinada situação” para tal, compreender a complexidade humana é imprescindível (COSTA, 2022, p. 1168).

Reconhecer que a **competência do Conhecimento** deve avaliar a pertinência e confiabilidade da construção dos saberes na ordem educacional e científica, reproduz informações e transformações úteis à vida. Com um significado individual e coletivo, de acordo com o grau de complexidade e nível escolar, desenvolvendo autonomia e promovendo o comportamento ético, a partir de estratégias cognitivas e criativas de abstração e pensamento sistêmico. Nesta concepção, é possível compreendermos que, “nessa perspectiva, mundo e vida são pensados como horizontes para os quais o currículo deve formar sujeitos hábeis; mundo e vida são assumidos como coisas a serem solucionadas pela definição de um conhecimento” (COSTA; LOPES, 2022, p. 4).

Para além desta construção de conhecimento, é pertinente que haja fundamento na **competência do pensamento científico, crítico e criativo**, possibilitando um ensino e aprendizagem construtivos, que possam convergir na garantia de um suporte pedagógico adequado às exigências de um desenvolvimento físico, psicológico, intelectual, cognitivo e humano, desenvolvendo habilidades complexas de forma ética e responsável. O propósito de um pensamento pautado pelo saber científico, pelo senso crítico do que se aprende, através do modo criativo, se traduz pela certeza de que quando mencionamos a palavra “vida” não podemos deixar tratar da identidade histórica e cultural que nos constitui enquanto seres finitos. Em outro escopo, a **competência de repertório cultural** no decorrer da vida traduz nossas subjetivações e impressões no e para o mundo que também é parte deste finito. Esta é a complexidade da qual somos constituídos, essencialmente. Neste sentido, é necessário enfatizarmos que o

repertório cultural compreende o nível de cultura ou a formação que um indivíduo abrange, todo o conhecimento que uma pessoa possui armazenado no decorrer de sua vida. É um dispositivo importante de ser estimulado para o processo criativo e artístico, visto que estão relacionadas às expressões de ideias, emoções e percepções (REGIS et al., 2022, p. 5).

O processo de ensino e de aprendizagem torna possível compreendermos a cultura a partir da educação na perspectiva de que nossa culturalidade é permeada de afeto, de sentimentos e

construções pessoais que se defrontam com os sentimentos e emoções da cultura de mundo onde estamos inseridos e onde nos inserimos. Esta inserção é viabilizada através da complexidade dos sentidos humanos, a qual todos nós construímos em parte, pela **competência da comunicação**, desenvolvida através das diferentes linguagens empregadas na educação e utilizadas socialmente ao nos relacionarmos em sociedade. Nossa comunicação ocorre pelas diferentes formas de linguagem, de modo à que outros seres humanos se tornem capazes de compreender e dar seu próprio sentido ao diálogo, este é um dos significados da Educação.

Estas demandas foram, estão sendo e, serão moldadas por tempos e espaços tecnologizados, midiáticos, evidenciados pela **competência da cultura digital** que entrou em ebulição pandêmica, principalmente com a questão do adoecimento, das sequelas ou mortes durante a pandemia causada pela COVID-19 e, televisionadas em tempo real. Nunca mais nossa geração esquecerá a imagem de mortes na coletividade, o adoecimento e a morte foram vivenciados globalmente, contudo, cada cultura interagiu de uma forma diferente no globo terrestre. Para alguns, houve mudanças que irão perdurar até as próximas gerações, para outros, materializou a potencialização de determinados aspectos individuais, políticos e capitalistas que predominaram sobre os aspectos humanos e humanitários do coletivo.

O acesso digital de informações em tempo real evidenciaram realidades díspares em diferentes tempos e espaços, algumas destacaram o despreparo diante da morte no plano teórico e no mundo prático, em todos os âmbitos. Em relação à questão da violência que permeia a vida humana, especialmente a violência existente no ambiente escolar, se por um lado houve a evidenciação de ataques violentos após a pandemia, de outro modo às tecnologias também estiveram sob um uso divergente, sendo necessário estar alerta a meios midiáticos para a defesa da segurança e da vida, impedindo que teias de violência fossem articuladas, tornando a internet um palco de luta do Bem contra a maldade humana, também conectando pessoas em sofrimento pelo isolamento da COVID-19 a seus familiares, muitos acenando online em uma última despedida.

Neste cenário, a construção da **competência do trabalho e projeto de vida** sofreu uma sensibilização significativa, porque tudo se tornou volátil pela fragilidade diante do poder de

virulência fatal da COVID-19. O mundo escolar, tanto quanto o campo laboral geral, foram invadidos por demandas tecnológicas, que de um lado contribuíram para que a educação se moldasse a espaços digitais, de outro, levaram a lacunas ainda desconhecidas e consequências que despontarão a longo prazo na educação após a inserção de tecnologias remotas e midiáticas que se iniciaram no tempo pandêmico. Uma destas consequências despontou a vulnerabilidade da educação diante da violência e da morte, impactando significativamente na vida de alunos, professores e colaboradores no mundo escolar, pela doença e pela violência que arrebatou vidas, deixando cicatrizes profundas em todas as vítimas pandêmicas e sobreviventes pós-pandêmicos.

Diante do desamparo, os professores estavam limitados pela insegurança que expõe a fragilidade da própria vida no espaço laboral invadido pela morte. Algumas salas de aula têm espaços vazios, com lutos que não foram elaborados em relação às vítimas fatais, seja pela COVID-19, seja pela violência escolar. Diante disso, é preciso nos voltar para demandas humanas que singularizam necessidades, que só podem ser analisadas através da **competência do autoconhecimento e do autocuidado** a partir do ciclo vital, como modo protetivo à própria vida e saúde mental na educação. Este cuidado para conosco e para com o outro é o que contribuirá significativamente para termos empatia e cooperação mútua em um mundo que não é um privilégio individual ou com recursos infinitos, um mundo em que o contexto pandêmico demonstrou a fragilidade de forma avassaladora, onde a educação foi obrigada a vivenciar a morte.

Este contexto expõe o reconhecimento de limitações, demonstrando a urgência da solidariedade mundial em prol da vida. Exigindo que uma educação transversal e integral para a **capacidade de responsabilidade e de cidadania**, permitindo o reconhecimento de direitos e deveres individuais em equilíbrio com a coletividade. Especialmente na presença de um mundo que se encontra sensível diante do adoecimento e da morte e que se depara com esta realidade dentro das escolas, principalmente para a valorização e revalorização da vida dos professores e do público escolar que habita um mundo que está inseguro, denotando um reconhecimento de um ambiente frágil que urge pela proteção e valorização da vida.

Em se tratando de competências, o desenvolvimento adequado do trabalho e projeto de vida, para além do componente individual, devem levar em conta aspectos coletivos, para que haja um equilíbrio de modo ético e comprometido socialmente. Vinculado a uma **competência de argumentação** para com motivações que nos aproximem em prol do benefício comum, nos comportando como seres humanos civilizados que estão a mercê de um espaço habitado pelo argumento da sustentabilidade planetária, onde uns são responsáveis pela própria vida e, também devem ter em mente a responsabilidade para com a vida em todas as suas formas, incluindo os seres humanos. Este propósito, transversal, humanizado e humanizador deve ser sensível ao entendimento de que

diante do contexto entre Currículo Educacional Brasileiro e BNCC, destacamos que o ensino brasileiro atravessou diversas adversidades históricas e políticas ao longo do tempo, debates e movimentos sociais surgiram para criação de um currículo que integre as dimensões física, intelectual, cultural e socioemocional. (RICARDO, 2024, p. 206).

A partir de debates, toda esta escrita não se faz a partir do desconhecido, de um papel em branco, ela surgiu como um questionamento que procurou respostas às possibilidades de uma possível prática educacional pautada pelo elemento “morte” como uma necessidade social. Considerou-se neste discurso a leitura de publicações científicas já existentes, publicadas por professores pesquisadores, que relacionaram a morte e a educação às suas produções de práticas pedagógicas, até mesmo antes do período pandêmico, junto a temáticas da morte, como conteúdos úteis à vida, inseridos no cotidiano escolar. Em acréscimo a noção de que,

apesar de mais de duas décadas terem se passado desde a publicação dos PCN e da recente publicação da BNCC, a proposta de um ensino na perspectiva da transversalidade e interdisciplinaridade, adotando temas de relevância social e que buscam alcançar uma educação cidadã ainda requer muitas reflexões nos campos escolar e acadêmico (CARVALHO, 2023, p. 19).

Corroborando com a noção de que é urgente que haja a convicção de que a morte ao ser inserida no ciclo da vida, dentro da sala de aula, de forma a complementar aos currículos se torna uma possibilidade da educação integral. Vislumbrar nestas leituras, a morte como configuração de

conteúdos transversais para o tratamento e a promoção reflexiva de discursos humanizados na educação, como objeto de diversidade e pluralidade cultural é primordial para uma educação libertadora e comprometida com conhecimento que inclui a morte. Esta seria uma consciência Freiriana transversal, onde os professores podem compreender que,

de tudo podemos falar e sobre tudo podemos testemunhar. A linguagem que usamos para falar disto ou daquilo e a forma como testemunhamos se acham, porém, atravessadas pelas condições sociais, culturais e históricas do contexto onde falamos e testemunhamos. Vale dizer, estão condicionados pela cultura de classe, pela concretude daqueles com quem e a quem falamos e testemunhamos (FREIRE, 1997, p. 53, grifo nosso).

Esta convicção traduz o propósito deste artigo, conectando diálogos urgentes, como um suporte básico à vida humana em uma educação que compreende a morte a partir do ciclo vital. Estas conversações inadiáveis, necessárias, atuais, se materializam para uma Educação com competência e habilidades, sensibilidade e amor ao ciclo vital que inclui a morte e suas temáticas na atualidade, uma Educação com mais possibilidades do que limitações, mais próxima da realidade e, distante de tudo que possa desumanizar o ensino e a aprendizagem.

Delineamento Metodológico

Os desafios impostos nos dias atuais são inúmeros. Um destes desafios é o de reconhecermos o lugar da morte no ciclo vital de forma a nos sensibilizarmos e criarmos a vivência e a consciência de que a morte irá impactar significativamente no nosso sentido da vida. Esta é uma transformação que deve ser considerada por todo o ser vivo em algum momento da vida (FRANKL, 1985; 2011). Este artigo foi idealizado para despertar o interesse pela temática proposta e, para estimular um olhar diferenciado para com a importância da construção de currículos críticos e reflexivos sobre seus conteúdos, especialmente relacionados à inserção da morte como objeto de estudo e conhecimento.

Nesta direção, este artigo construiu-se por uma revisão sistemática de literatura sobre a educação para a morte. Partiu de um questionamento que procurou respostas em referências

científicas para uma possível prática educacional pautada pelo elemento “morte” dentro de experiências didáticas de professores. O processo sistemático foi realizado sob uma abordagem reflexiva de metodologia qualitativa, visando compreender e validar uma proposta de pesquisa, dando seguimento a um projeto de investigação com cunho científico de referências.

A partir disso, esta escrita se fez juntamente com um levantamento em Periódicos de Publicação Acadêmica com descritores específicos (Educação, Morte e Educação e Violência), que estivessem delineados no Título de Artigos Científicos, especificamente nas plataformas de publicação online: Portal Capes e Portal Scielo, os quais são referências de pesquisa no Brasil.

Resultados: A morte na Escola.

A sistemática utilizada foi baseada na busca de publicações de Artigos Científicos em qualquer idioma, a partir de 2019 até 2023, observando-se apenas no título de artigos Científicos exatamente os descritores: **Educação e Morte**. As buscas resultaram nos dados a seguir:

Figura 1 - Artigos com os descritores Educação e Morte no Título –Capes–



Fonte: Dados disponíveis no Portal Capes (Acesso em 27 de Jan. 2024).

Junto ao Portal Capes, verificou-se que durante a pandemia da COVID-19, em 2019 houve um aumento de publicações, contudo, após 2023 houve uma diminuição nos descritores em títulos de artigos.

Junto ao Portal Scielo, os descritores Educação e Morte foram averiguados em todos os índices, ampliando a busca comparativamente. Por óbvio, houve um maior número de artigos publicados devido a esta ampliação.

Figura 2- Artigos com os descritores: Educação e Morte no Título -SciELO



Fonte: Dado disponível em Portal SciELO (Acesso em 27 de Jan. 2024).

Observamos que, em comparação ao Portal Capes, houve um decréscimo de publicações, notadamente de 2022 em relação ao ano de 2023, sendo que no ano de 2024 não foi possível obter argumentos suficientes, por ser o primeiro semestre daquele ano vigente no período de escrita. Neste cenário, também foi observado acerca dos **descritores Educação e Violência**. Os achados estão ilustrado a seguir:

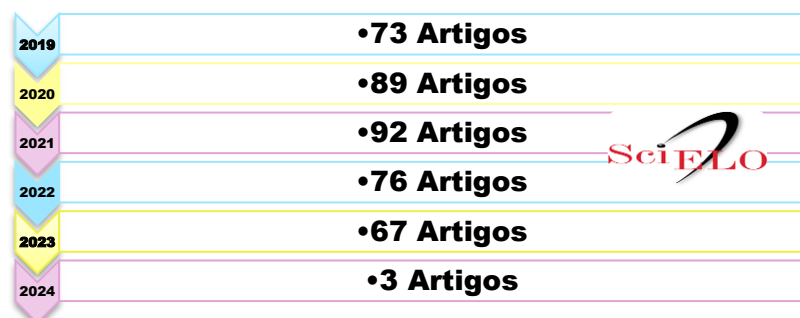
Figura 3 -Artigos com os descritores Educação e Violência no Título –Capes–



Fonte: Dados disponíveis no Portal Capes (Acesso em 27 de Jan. 2024).

É possível observar, apenas com estes dados superficiais de busca pelos descritores nos títulos de Artigos Científicos, que há um maior interesse por pesquisas que têm em seu título a Violência relacionada à Educação. Comparativamente, a questão da morte é menos abordada a partir dos títulos pesquisados, dentro de problemáticas que, estão interligadas e são dependentes em relação à integridade da vida.

Figura 4- Artigos com os descritores: Educação e Violência no Título -SciELO



Fonte: Dado disponível em Portal SciELO. Acesso em 27 de Jan. 2024.

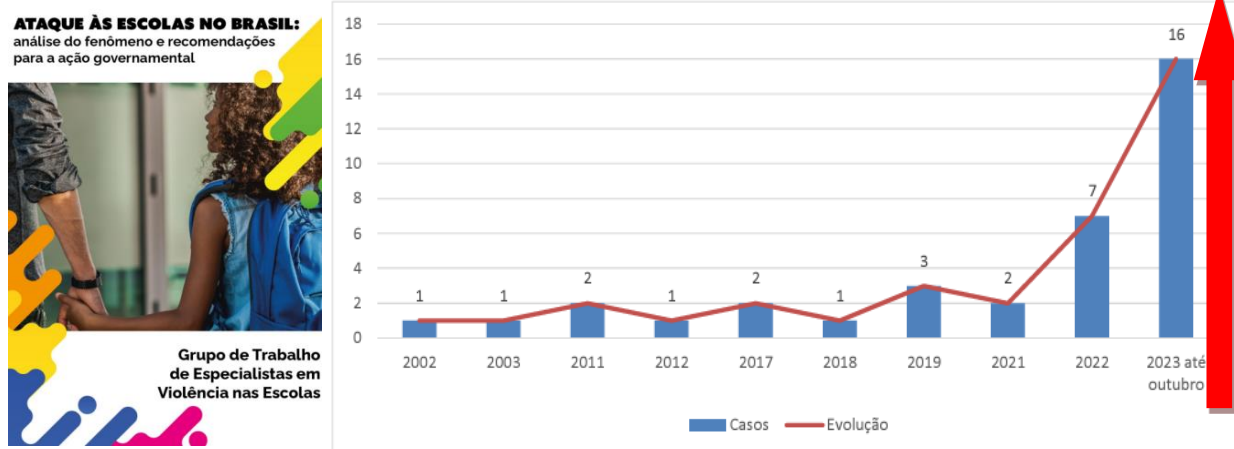
De igual forma, junto ao Portal Scielo, os descritores Educação e Violência, junto a todos os índices, na mesma expansão de busca, comparativamente houve um maior número de artigos publicados devido a esta ampliação, inclusive no mês de Janeiro de 2024, a temática já instigava a produção científica de artigos. Certamente há uma consciência de que esta, além de superficial, não contempla outros portais de publicação de artigos científicos, que seriam significativos. Contudo, o recorte destes dois portais, serve apenas para ilustrar um fato: a morte necessita ser um assunto debatido cientificamente junto à temática da violência a partir do e, para o contexto escolar, ambas estão conectadas pelo risco ou pela fatalidade.

Esta é uma problemática contemporânea que, para além de prejuízos do ensino e da aprendizagem, impõe a urgência de que o mundo acadêmico reconheça seu papel diante de circunstâncias sociais que impõem risco à vida no mundo escolar, questões sociais que corrompem a integridade escolar e fazem um pedido de socorro à Saúde Física e Mental de todas as vidas que habitam estes espaços. Nesta direção, se fez necessário embasar o pensamento que originou a ideia de pesquisa, sob a observação do embate causado não só pelas consequências pandêmicas e a proximidade com a morte, mas também pela violência extrema que invadiu o ambiente escolar.

A qual não diz respeito somente ao agressor ou extremista que ocasiona fatalidades, mas tem algo a revelar a todos nós, direta ou indiretamente: a casuística da violência é individual e, ao mesmo tempo de ordem coletiva. Estudiosos Brasileiros elaboraram dados através do Grupo de Trabalho de Especialistas em Violência nas Escolas, estabelecido pela Portaria 1.089 de 12 de junho

de 2023, para “colaborar com a compreensão do fenômeno dos ataques às escolas no Brasil e propor caminhos para a ação governamental e para a formulação de políticas públicas” (BRASIL, 2023, p. 8). Seguem dados desta pesquisa⁴, que comprova um cenário caótico de vulnerabilidade dentro das Escolas:

Figura 5 – Evolução dos Ataques de Violência extrema às escolas do Brasil (2002-2023):



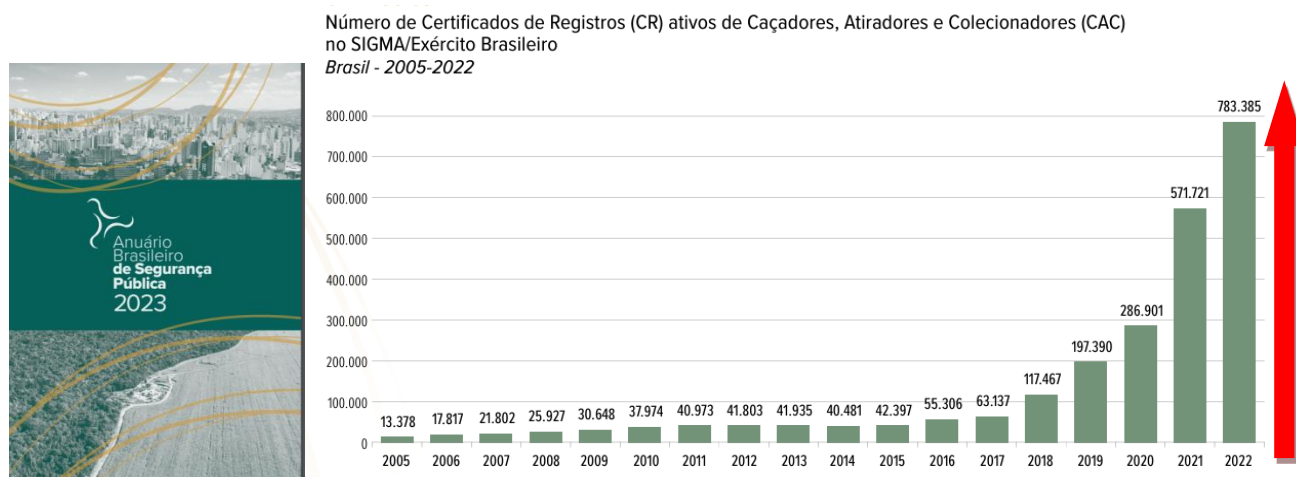
Fonte: BRASIL, 2023.

Este gráfico evidencia em dados que vidas humanas preciosas são perdidas gradativamente, ano após ano, para a violência. Uma violência que coincide com as consequências e sequelas da pandemia causada pela COVID-19, além de coincidir com um relaxamento da regulação dos órgãos governamentais na liberação ao acesso de meios letais como as armas de fogo, promovendo uma violência que reproduz à auto e hetero violência (tentativas e/ou suicídio, homicídios), se reproduzindo para além do espaço social, invadindo o espaço escolar de forma brutal. No Brasil, desde 2019 até o presente momento, houve o maior número de registros de ataques de violência extrema às escolas da última década. Sendo necessário diferenciar que “registro” é um documento, validado por dez anos, que autoriza o proprietário de arma de fogo a possuir arma em domicílio ou no seu local de trabalho. Distinto do porte de arma, que permite ao usuário transitar com o artefato.

⁴ BRASIL. Ministério da Educação. Grupo de Trabalho de Especialistas em Violência nas Escolas. **Ataques às escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental**. Brasil, 2023.

Os números caracterizados por um cenário de progressão geométrica podem ser visualizados abaixo⁵:

Figura 6 – Reflexão sobre o acesso a Armas de Fogo no Brasil:



Fonte: BRASIL, 2023.

Não é possível que alguém se engane, pois, o preço pago por uma arma de fogo em lugar de vulnerabilidade poderá representar, quase sempre, o preço da morte ou a cobrança de uma sobrevivência com sequelas, sejam físicas, sejam psicológicas, econômicas, sociais. Coincidentemente ou não, o crescimento da violência escolar observado no gráfico supracitado, pode ser associado junto a um aumento vertiginoso do registro de portes de armas de fogo, um dos meios letais que ocasiona violência com morte e, está diretamente relacionado a ataques de violência extrema em ambientes escolares.

Obviamente é de senso comum que, somente ter a posse de uma arma de fogo não aumentará a materialização da violência, contudo, em se tratando de violência escolar, diante de um impulso violento que tem à sua disposição os meios letais ao idealizar ataques de violência extrema, o acesso a armas somado à inclinação de um agressor e o descaso pela vida humana, impacta significativamente para a efetivação de ataques que dizimam vidas. Estabelecendo relação direta, proporcional e gradativa nos últimos anos, no Brasil e, principalmente em outros países que

⁵ BRASIL. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: FBSP, 2023.

impulsionam uma política armamentista na sociedade civil. É importante salientar que, quando um meio letal é encontrado com fácil acesso pelo agressor extremista, o infortúnio não será exclusivo de suas potenciais vítimas, poderemos e, seremos afetados junto ao processo desencadeado pela violência em todas as suas manifestações, vidas humanas perdidas para a violência, impactam em toda uma sociedade, desarticulam os mecanismos de defesa de toda Educação em efeito borboleta, propagando perdas e sequelas.

Análise de Resultados:

Precisamos fazer uma análise empírica sobre a urgência de compreender do ponto de vista político e estrutural a complexidade impregnada no individual que leva em consideração os riscos pandêmicos, a violência extrema que contribui e agrava as estatísticas de perdas humanas e da problemática decorrente da violência que ocorre dentro da Escola. É no círculo cultural e político da sociedade contemporânea que residem nossos escafandros na realidade recente, os quais nos fazem submergir de nossas próprias opções da vida privada para a vida pública, confrontando nossas ações em prol do mundo ideal e real, a partir de práticas que podem salvaguardar vidas humanas dentro e fora da escola. Precisamos nos questionar neste mundo real, a respeito de qual seria a responsabilidade de cada um de nós diante das ações extremas de violência materializadas na sociedade em que convivemos. Quais seriam as implicações na falha do sistema público de segurança que permitem que pessoas extremistas e violentas realizem ataques letais dentro de escolas e de espaços públicos que deveriam ser ilibados? Quais seriam os mecanismos de proteção à integridade a vida, necessários para que professores, alunos e a equipe escolar possam conviver de modo seguro, salutar em um processo construtivo de ensino e aprendizagem? Precisamos discutir refletir, analisar, e repensar estas questões, para podermos nos posicionar enquanto seres humanos, individualmente e no coletivo da vida privada e do ambiente público, encarando a casuística e suas consequências contemporâneas em busca de soluções plausíveis, efetivas, em todas as esferas, especialmente na educacional.

É urgente a vigilância para uma possível resistência à aplicabilidade de temáticas transversais relativas e relacionais à morte, a partir de uma perspectiva multi, inter e transdisciplinar, de possibilidades onde haja uma geoconexão entre a educação e o mundo. Pois, estes temas já deveriam ter avançado em currículos e conteúdos que conectem a Educação, a vida, a morte, através de um processo humanizado e humanizador do ciclo vital, que seja protetivo à um bem comum, pois educar é um valor de patrimônio humanitário. Esta discussão, ou a falta dela, nos permite vislumbrar um cenário social que pode (ou não) evidenciar a falência (pública e privada) em salvuardarmos a vida de métodos letais que poderiam ser controlados de forma eficaz por meios legais de proteção e de responsabilidade com um comprometimento social consciente, que possibilite a compreensão de que a Educação é mais que um propósito, é uma instituição que está atrelada ao mundo e sua evolução direta e indiretamente.

A solução deste enredo é complexa, a escola não pode ser a única responsável por esta transformação, necessita estar atrelada a políticas públicas e de seguridade social, amparada por legislações que se transformem em realidades de proteção a direitos e deveres dentro e fora da escola, que protejam a vida de trabalhadores da escola e, também do público escolar. Não se vive em um espaço social neutro, a escola é a construção do próprio social, contextualizar seria imprescindível para compreender o ser humano como um todo a partir da educação para a existência de uma sociedade consciente. Este contexto inclui o reconhecimento da violência e da morte como uma realidade humana que implica na elaboração de significados e valores culturais que podem ser ressignificados através de relações de poder para uma Educação que está além de ser disciplinadora, assumindo um papel de construção igualitária, onde todos têm uma história e fazem parte desta história (FOUCAULT, 2013, p.19). Este é um enredamento sobre o qual nos debruçamos com os olhos de quem não tem uma resposta, talvez de quem ainda não tenha uma única pergunta, pois sequer há a possibilidade de haver somente uma resposta para a complexidade da vida que envolve a vida, a morte e a violência no contexto escolar.

(in)Concluindo

Ao relacionarmos a morte aos currículos e conteúdos na educação acrescentamos sentido de vida à própria existência, ao tornar possível reconhecer a vida do mundo, nos conscientizamos do próprio pulsar em uma existência onde tudo está interligado, onde o que ocorre a um ser humano repercute na vida coletiva e onde a coletividade, de certa forma, norteia a vida individual, confirmando que nossa intenção de pesquisa foi válida ao nos atermos na relação entre ditames pandêmicos e a violência escolar. Esta consideração é importante, analisando que o ciclo vital tem seu início, desenvolvimento e terá um fim onde é possível conceber um sentido para a vida, para todas as formas de vida e, durante todo o ciclo vital. O dia tem 24 horas, destas 24 horas quantos minutos, quantas horas você pensa na sua vida, nas possibilidades de morte que estão ligadas à sua própria existência no universo? Este é um diálogo que se inicia internamente, não necessariamente em um tom doloroso, mas definitivamente despontando certa sensibilidade. Se você der sentido à vida, você encontrará um sentido em tudo que revela a morte. Para além de compreender um mistério ou ao enigma que nem a ciência consegue definir, talvez seja possível alcançar a certeza de que a morte faz parte do ciclo vital, dando sentido a cada dia da vida. Este processo exige a consciência de uma aprendizagem que entrelaça a integralidade complexa, relacionada desde o primeiro ano do ensino fundamental até a formação acadêmica, preparando o aluno não só para fins profissionais de trabalho, mas para todo processo vivenciado no ciclo vital.

Ninguém exerce plenamente seus conhecimentos se desconsiderar a morte dentro de um processo de ensino e aprendizagem, pois, em um parâmetro Freiriano, este seria um ato pleno de consciência libertadora onde a autonomia da vida determinaria todo o sentido da existência humana. Esta consciência só pode ser construída a partir da transversalidade, em toda sua potência inter, multi e transdisciplinar para o desenvolvimento pleno de competências e habilidades. Uma educação para a morte e seus processos só se torna realidade se houver espaço para um olhar humano que abarque todos os envolvidos nesta demanda de emergência na formação adequada ao ciclo vital que aceite a finitude, naturalmente, sem melindres de teorizações. Assim sendo, para que a morte seja inserida no ciclo vital e se conecte a educação de forma construtiva, são imprescindíveis mudanças que reconheçam na figura do Professor o objeto central de uma transformação social,

uma ação que se inicia dentro da escola e onde a devida consideração pelo ato de ensinar deve ser ressuscitada. Contudo, a figura do professor não pode ser vista sem que possamos enxergar todo o sofrimento que existe por trás dos componentes de uma carga horária de docência e suas fragilidades. É urgente avaliarmos que: Nenhum professor poderá inserir a morte como tema transversal temendo pela própria vida ou daqueles sob sua responsabilidade. Como promover uma Educação para a morte mesmo com medo de morrer? Reconhecendo que, não há como a nossa geração não falar sobre a morte, compreendendo que tantas vidas se perderam e, que todo o sofrimento foi vivenciado coletivamente pela fragilidade a qual estivemos e estamos expostos, especialmente após o ano de 2019.

Para ressignificar a morte como objeto de conhecimento dentro de um processo transversal, humanizado, natural e que promova um conhecimento útil para a vida, perguntas foram feitas no decorrer desta escrita, respostas foram articuladas, não como um ponto final, mas como reticências ou novas interrogações, que estarão ativas, desencadeando um entendimento para uma necessária continuidade que seja capaz de olhar para a morte no entendimento de que, esta não se encaixa em um ponto final. Aqui preservamos questionamentos saudáveis, notadamente no intuito de despertarmos outros interesses pela temática: - Como a morte influencia e é influenciada a partir do cotidiano e, como esta influência repercute sobre nossas diferentes compreensões acerca da morte e do morrer em cada fase do ciclo vital? As dimensões espirituais, religiosas, econômicas, geoambientais, políticas, sociais, psicológicas e emocionais denotam um processo individual e coletivo de finitude que emana de um mundo particular para o macrocosmo, relativizando acréscimos e decréscimos vivenciais nesta equação gerada pelo lugar de onde estamos em nossa vida. Este processo de individuação e compreensão determinam nossos comportamentos no enfrentamento de diversas temáticas da morte e do morrer, tanto no plano teórico quanto no universo prático da realidade da vida.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Guia de implementação dos currículos alinhados à BNCC para educação infantil e ensino fundamental. 2022.

BRASIL. Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: FBSP, 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Grupo de Trabalho de Especialistas em Violência nas Escolas. Ataques às escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental. Brasil, 2023.

COSTA, Hugo H. C.; LOPES, Alice R. C.. O conhecimento como resposta curricular. Revista Brasileira de Educação, v. 27, n. **Revista Brasileira de Educação**, 2022.

CARVALHO, Maria Adriana Santos et al. TEMAS TRANSVERSAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: O QUE DIZEM AS PESQUISAS DESENVOLVIDAS DE 2017 A 2021?. **REAMEC-Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática**, v. 11, n. 1, p. e23058-e23058, 2023.

FOUCAULT, Michel, 1926-1984. **O corpo utópico**: As heterotopias. Michel Foucault. Pósfacio de DETERT, Daniel. São Paulo n-1 Edições, 2013.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'gua, 1997.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985. Acesso em 29 de Dez. de 2022.

FRANKL, Viktor. **A vontade de sentido**: fundamentos e aplicações da Logoterapia. São Paulo: Paulus, 2011.

MORAES, Ivete Iara Gois de Moraes. Vamos conversar sobre a morte na educação? Sob orientação da Prof.^a Dr.^a Márcia Amaral Corrêa Ughini Villarroel. Dissertação apresentada ao Instituto Federal do Rio Grande do Sul -IFRS- Campus Porto Alegre, junto ao Programa de Pós- graduação do Mestrado Profissional em Informática na Educação. 146 pp. Porto Alegre, 2024.

NEITZEL, O.; SCHWENGBER, I. L. Os conceitos de capacidade, habilidade e competência e a BNCC. **Revista Educação e Emancipação**, [S. l.], v. 12, n. 2, p.210–227, 2019.

REGIS, Cecília. O repertório cultural como potencialidade educativa. **Revista Científica Integrada – UNAERP- Campus guarujá**, v. 4, p. 1-15, 2021. Disponível: <https://www.unaerp.br/revista-cientifica-integrada> Acesso em 17 de Fev. 2023.

RICARDO, Fabiana Pereira de Aguiar et al. Propósito e potencialidade do currículo & BNCC. **Revista Ilustração**, v. 5, n. 1, p. 199-208, 2024.